



**REVISTA
MORTAL**

**DOSSIÊ
CONSTANTINO
CASTELLANI**

POR JAIRO COSTA

CONSTANTINO CASTELLANI

Greve de operários ocorrida em 1919 culminou no assassinato de jovem sindicalista no centro de Santo André

Por Jairo Costa

Quem passa pelo famoso calçadão da rua Coronel Oliveira Lima, no centro de Santo André, cidade da região metropolitana de São Paulo, não faz ideia de que o local, há cem anos, abrigou algumas das primeiras fábricas do ABC paulista e foi palco de muitas manifestações de trabalhadores em greve.

Naquele período, início do século XX, os tempos eram muito difíceis na “terra das chaminés”—como era conhecida a cidade à época. A jornada de trabalho às vezes ultrapassava 16 horas diárias e os empregados eram constantemente submetidos a explorações, maus tratos e até torturas(!) em um regime análogo à escravidão.

Os operários (que incluíam mulheres, idosos e crianças) não tinham nenhum tipo de direito trabalhista garantido por lei e ainda por cima recebiam um salário quase que simbólico, miserável. O valor era tão baixo que uma mesma família tinha que empregar crianças, mulheres grávidas e idosos para conseguir ter uma renda que minimamente pudesse mantê-los vivos.

Diante de tanta precariedade e injustiça, um movimento político organizado começou a ser forjado no chão das fábricas, principalmente dentro da tecelagem

DOSSIÊ CONSTANTINO CASTELLANI POR JAIR COSTA

Ypiranguinha, em Santo André, que na época se chamava São Bernardo do Campo e englobava toda a região que conhecemos hoje como ABC paulista.

Com a cidade cheia de imigrantes (italianos, portugueses e espanhóis), em sua maioria adeptos da ideologia anarquista, encontraram dentro das fábricas terreno fértil para proliferar suas teorias anarcosindicalistas (auto gestão e organização horizontalizada, ação direta contra o capitalismo e o Estado) e politizar a massa operária, promovendo assembleias, paralisações e criando associações de trabalhadores que seriam os protótipos dos sindicatos como hoje nós os conhecemos.

O mundo estava em plena transformação naquele período e, com o advento da Primeira Guerra Mundial, em 1914, os autonomistas começaram a discutir a criação de uma organização que representasse os operários da cidade e lutassem objetivamente por melhores condições salariais e de trabalho, pela redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias, entre outras reivindicações.

O debate sobre a entidade sindical amadureceu com o tempo. Assim, em 1918, depois de quatro anos acumulando força e apoio dos trabalhadores, alguns dos primeiros “peões” de Santo André, liderados pelos tecelões José Righetti, Constante Castellani, Emilia Rossini, Benedito Folganolhi, Alexandre “Português” e pelos metalúrgicos Finamore e



Constante Castellani, 18 anos, tecelão na fábrica Ypiranguinha, fundador da União Operária, morto em 05 de maio de 1919.



Fábrica Ypiranguinha no bairro Casa Branca em foto da década de 1950. Turnos de até 16 horas, espancamentos de operários, salários desiguais...



Fábrica de móveis Streiff, localizada na Cel. Oliveira Lima, diante da qual Constantino foi alvejado enquanto discursava.



Operários da fábrica Streiff, na época localizada na rua Coronel Oliveira Lima. Castellani e a União Operária tinham a intenção de pedir a adesão destes trabalhadores à sua manifestação.

Francisco Moro, fundaram a União Operária, também chamada de Liga, às vésperas do 1º de Maio, o Dia Internacional do Trabalho.

Os donos das fábricas da região, ao saberem da novíssima organização dos trabalhadores e de suas intenções em realizar protestos, prontamente deram início a uma série de ameaças a seus funcionários.

O próprio Presidente da República autorizava a repressão a esses grupos, colocando a polícia no encalço

dos “agitadores”. Epitácio Pessoa (1919–1922) e seu sucessor Arthur Bernardes (1922–1926) tornaram-se conhecidos como notórios inimigos dos trabalhadores e dos autonomistas.

O proprietário da Tecelagem Ypiranguinha claramente contra a União Operária, passou a impedir sistematicamente a participação de seus funcionários na nova organização, chamando-os de “desordeiros”.

Apesar da forte pressão sobre os

operários, a verdade é que a perseguição provocou um curioso efeito colateral; ela fez com que seus funcionários decretassem o que foi possivelmente uma das primeiras greves da qual se tem notícia na região, que teve início no próprio Dia Internacional dos Trabalhadores já em 1919.

Os operários da tecelagem aproveitaram a paralisação para lutar contra a jornada noturna de trabalho e também contra a Primeira Guerra Mundial, que se encerrava na Europa.

A União Operária apoiou incondicionalmente os trabalhadores que estavam de braços cruzados, promovendo ações conjuntas, dando estrutura material e ajuda financeira. Uma das muitas ações, decidida em assembleia geral com a ajuda da Federação Operária de São Paulo, foi promover a realização de uma passeata em apoio aos trabalhadores da Ypiranguinha, protesto que acabou de forma trágica.

O ato foi agendado para a segunda-feira, 5 de maio de 1919. A partir das 5 horas da manhã, centenas de trabalhadores se concentraram em frente à sede da União Operária, na época um pequeno barracão localizado na rua Gertrudes de Lima, hoje sede do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André (outras fontes relatam que o protesto partiu da frente da Ypiranguinha).

Ao amanhecer, um número muito grande de operários (entre eles muitas mulheres e crianças), pôs-se a marchar rumo à Companhia Streiff, uma fábrica de móveis localizada na rua Coronel Oliveira Lima, onde iam pedir apoio e adesão à greve.

Portando bandeiras, faixas e cartazes, os trabalhadores seguiam avançando, gritando palavras de ordem, algumas em italiano, outras em espanhol. Na linha de frente da passeata, de braços dados, marchavam os líderes da União Operária.

Entre eles estava o jovem Constante Castellani, mais conhecido como Constantino, um rapagão de 18 anos, alto,



Crianças trabalham na tecelagem Ypiranguinha em 1906. Espancamentos e trabalho análogo a escravidão marcara a história da fábrica.



Operários visitam túmulo de Castellani no cemitério da Vila Assunção na década de 1950. Foto abaixo, fábrica Ypiranguinha nos anos 1910.



de olhos claros e vívidos, tecelão da fábrica Ipiranguinha, identificado por muitos como um dos líderes do movimento.

A passeata seguia seu curso. As mulheres e crianças distribuíam panfletos para a população denunciando as condições de trabalho precárias a que eram submetidos, além de aproveitar para pedir doações em dinheiro para o fundo de greve.

Quando a marcha chegou à Oliveira Lima, na época uma rua sem calçamento, de chão batido, os manifestantes dirigiram-se para o Largo da Quitandinha, onde passaram a interpelar mais transeuntes, agitar bandeiras e expor seus argumentos em defesa da greve.

Aproximadamente às 10 horas da manhã, surgindo de várias direções diferentes, policiais começaram a cercar a multidão de trabalhadores com o intuito de dispersar a turba.

Constantino Castellani estava na esquina da rua Oliveira Lima com a Monte Casseros, local onde se localizava a fábrica Streiff, quando percebeu a ação da repressão. O anarquista subiu em um palanque improvisado e passou a discursar, denunciando a violência dentro das fábricas. Os trabalhadores aplaudiam seu discurso, gritavam total apoio ao movimento grevista e repúdio à ação policial.

Os policiais revidaram com golpes de sabre. Mastros de bandeiras, pe-



Crianças trabalhando em oficina de cantaria (produção de guias e paralelepípedos) no centro de Santo André, década de 1920. Os menores explorados ajudavam a complementar a renda das famílias.

dras e pedaços de pau voavam, quando, de repente, tiros começaram a ser disparados pelos policiais. Isso disseminou o pânico entre os manifestantes. Muitos debandaram rumo à estação de trem da SPR.

Em meio à confusão geral, gritos desesperados foram ouvidos: “Constantino tombou! Constantino tombou! A polícia matou Constantino Castellani!” gritava a irmã de Castellani, que participava do protesto.

Informações controversas afirmam que Castellani teria arremessado um tijolo contra os policiais, outras fontes contam que esta ação foi uma mentira plantada para proteger os homens da força pública, justificar os tiros e dividir os operários.

A história da morte de Constantino se espalhou por Santo André e em poucas horas milhares de pessoas se dirigiram ao centro da cidade. Os trabalhadores “roubaram” o corpo de Constantino das mãos da polícia, levando-o para a sede da União Operária, onde foi velado por toda a noite.

No dia seguinte, milhares de operários seguiram o cortejo fúnebre, que



Operários do ABC Paulista nos anos 1920. Péssimas condições de trabalho, jornadas de até 16h, baixos salários e violência dos patrões contra os empregados provocaram o surgimento da União Operária, organização ancorsindical pioneira na região.

passou pelas principais ruas da cidade rumo ao cemitério da Vila Assunção. Constantino Castellani foi sepultado no fim da tarde do dia 6 de maio de 1919.

Imediatamente após seu enterro, a polícia passou a invadir casas, perseguir e prender todos os anarcossindicalistas envolvidos na greve e também os membros da União Operária, que foi fechada, teve seu barracão incendiado, ficando proibida de atuar durante mais de uma década.

Muitos membros da União Operária presos naquele dia foram enviados para cumprir pena na temida ilha das cobras, no litoral paulista, já os trabalhadores que eram estrangeiros foram expulsos do Brasil (lei

Adolpho Gordo, que punia como deportação estrangeiros envolvidos com política, que representassem “ameaça à ordem pública”).

Após a morte de Castellani o movimento operário arrefeceu na cidade e somente em 1928 a União Operária começou a se rearticular, voltando à ativa em 1933 já com o nome de Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André.

Durante décadas as histórias sobre aquele dia 05 de maio foram contadas e Constantino acabou se transformando em um mártir, referência de resistência e luta dos trabalhadores da região.

DOSSIÊ CONSTANTINO CASTELLANI POR JAIRO COSTA

ANEXO 1

12 Caderno A

DIÁRIO DO GRANDE ABC

A greve, a passeata, o tiro do soldado

E o operário Castellani cai morto no centro de Sto. An

Ademir MEDICI

Quarta-feira próxima completará 64 anos em que o tecelão Constante Castellani caiu morto em pleno largo do Quitandinha, centro de Santo André, participando de uma manifestação sindical. Ele era tecelão e secretário-geral da União Operária, órgão que reunia todas as categorias profissionais da então São Bernardo. Sua morte paralisou a pacata Santo André e acabou provocando um enfraquecimento nas atividades sindicais locais, reativadas apenas no final da década de 20.

Dois antigos e ainda ativos sindicalistas do Grande ABC, Marcos Andreotti e Miguel Guillen, falaram sobre a morte de Castellani e dão a versão do que ouviram. Outras versões são dadas por três autores: Paulo S. Pinheiro e Michel M. Hall (A História das Lutas Sociais no Brasil).

Mais: a morte de Castellani, noticiada por um jornal de São Paulo; e os registros policiais da época sobre o caso.

As versões são várias para a morte de Constante Castellani. Fala-se na participação de mulheres. Fala-se em um



tiro accidental, em um tiro endereçado.

Mas os fatos principais batem.

Sobra o episódio central, que fala na morte de um trabalhador. A verdade é que não foi o último caso.

Constante Castellani ia completar 18 anos do por um policial no centro de Santo André, exatamente a 5 de maio de 1919. Castellani passou com cerca de 300 empregados da Ipiranguinha pelas ruas centrais da cidade. Os empregados da extinta tecelagem estavam em greve. Quando a passeata chegou ao largo do Quitandinha, prolongamento da rua Monte Alegre, se o tiro. Castellani foi atingido no peito, morreu.

Os depoimentos são de dois dos mais antigos dirigentes sindicais de Santo André: Marcos Andreotti e Miguel Guillen, 72 anos. Nenhum dos dois testemunhou a morte de Castellani. Mas ambos chegaram em São Paulo depois do fato, tendo papel importante na formação dos sindicatos dos trabalhadores, que substituíram e deram origem ao sindicalismo atual do Grande ABC.

Andreotti e Guillen afirmam que a morte de Castellani foi um acidente, feitos pelos mais antigos comentários a seu respeito, feitos pelos mais antigos comentários a seu respeito, feitos pelos mais antigos comentários a seu respeito, feitos pelos mais antigos comentários a seu respeito.

Constante Castellani era secretário geral da entidade que abrangia todas as categorias profissionais de Santo André operária do começo do século. E era tecelão. Na passeata dos operários da tecelagem, em 5 de maio, manifestantes pararam em frente à Streiff Castellani para falar quando foi atingido. O alvo, todos comentam, era o filho de José Righetti.

A passeata dos trabalhadores da Ipiranguinha foi para auxiliar os grevistas. E também para pedir a abertura de outras fábricas ao movimento. Os trabalhadores de outras fábricas ao movimento. Os trabalhadores de outras fábricas ao movimento. Os trabalhadores de outras fábricas ao movimento.

Feito o disparo pelo soldado, os manifestantes fugiram. A morte de Castellani, em frente à fábrica, paralisou Santo André. Durante três dias a cidade ficou sem operários. Durante três dias a cidade ficou sem operários. Durante três dias a cidade ficou sem operários.

Mas a morte de Castellani, passado o impacto inicial, não foi o fim. A greve da Ipiranguinha terminou com uma vitória dos operários. Os trabalhadores lutavam pelos melhores salários, melhores condições de vida, melhores salários, melhores condições de vida, melhores salários.

A greve da Ipiranguinha encerrou-se após os operários conseguirem um pequeno aumento de salário, oito horas por dia e mais férias.

Castellani morreu. Outros dirigentes da União Operária foram presos e encaminhados para a Ilha Grande ou Ilha dos Anjos.

A Polícia invadiu a sede da União Operária, localizada no largo do Quitandinha, em frente à igreja matriz de São João Batista.

O movimento sindical diminuiu em Santo André depois de 1919. Em 1928, Marcos Andreotti e mais alguns companheiros iniciaram a reorganização de uma União Operária. E conseguiram reunir, na associação, não só os tecelões, químicos e trabalhadores de outras fábricas, como a revolução de 30 surgiu a lei de sindicalização, que passou a ser de uma única lei já existente na Itália.



VENDA DE IMÓVEIS

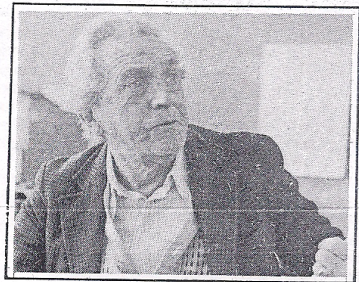
Venda de Imóveis - Edital de Concorrência Nº 02/82 - C.P.A. Regional Santo André
 1 - A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL - CEF, Filial de São Paulo, através do presente AVISO DE VENDA que compõe o Edital supra, comunica que venderá pela melhor oferta e postas para pagamento à vista ou com financiamento, os imóveis abaixo caracterizados.
 2 - Os valores constantes das propostas serão atualizados trimestralmente, conforme a variação da UPC, assim como serão atualizados os "valores mínimos de venda".
 3 - As pessoas físicas poderão contar com financiamento de até 100% (cem por cento) do valor mínimo de venda, desde que esse valor não ultrapasse o máximo permitido para financiamentos.
 4 - É vedado o financiamento à pessoa física que desejar adquirir mais de um imóvel; a pessoa deverá pagar à vista o preço integral dos dois ou mais imóveis para os quais efetuou proposta.
 5 - O licitante deverá efetuar um depósito prévio, a título de caução, no valor correspondente a 5% (cinco por cento) do valor mínimo de venda.
 6 - O Edital completo, com as condições básicas de venda, encontra-se disponível no endereço...

ANEXO 2

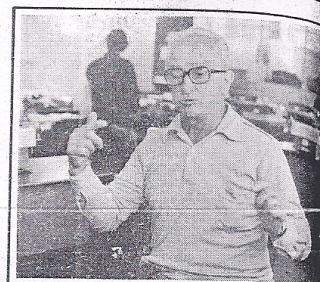
Domingo, 2 de maio de 1982

André

Quando foi fuzilado. Isso há quase participava de guincha e popudessa antiga e eata atingiu o assersos, ouviu-antaneamente. nda ativos diri- ti, 70 anos, e ou a morte de André poucos ão dos primei- ão Operária BC. Castellani e os inclusive por tiveram funda- texto a seguir eótti e Miguel onsequências. ão Operária, ais da Santo Piranguinha. o de 1919, os preparava-se m, era o pre- vava angariar a adesão dos alhadores da . Por isso a artiram para sou a pacata amento, com enterro reu- sua casa, na centrais de a quadra 6 do cursos lev- cial, acabou classe operá- apenas par- s do progra- de maio de nada de oio t. Em Santo grande sindi- tios obteram ma coisa de rária foram Cobras. Só anista. zada numa o André, na



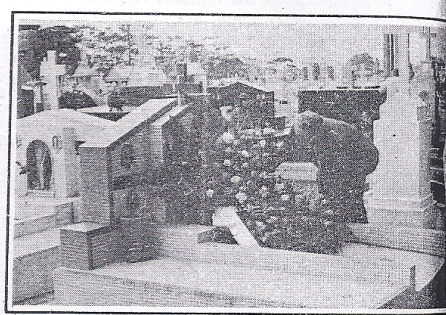
Andreotti: os policiais fugiram



Guillen: ele é um mártir

Uma praça com o nome de Castellani

“Uma praça como nome de Constante Castellani. Castellani precisa ser nome de alguma coisa importante aqui em Santo André. Mas tem que ser algo importante mesmo, de preferência o largo da Quitandinha, onde ele morreu lutando por benefícios que hoje todos nós, trabalhadores, desfrutamos. O largo Constante Castellani, precisa ser assim, com esse nome. E é preciso erguer um busto em homenagem a esse trabalhador, o verdadeiro mártir do ABC”.



As homenagens no túmulo de Castellani, cada vez mais raras

Palavras de Miguel Guillen, referendadas com insistentes sinais afirmativos do seu companheiro Marcos Andreotti. Eles lembram que houve um vereador, Geraldo Milani, tecelão, residente na Vila Assunção, que entrou com requerimento na Câmara pedindo a denominação de Constante Castellani a um logradouro público da cidade. Se o requerimento foi aceito, Guillen não sabe. Nem Andreotti.

— Os metalúrgicos sempre homenageam Castellani, sempre levaram coroas de flores em seu túmulo na Vila Assunção. Eu sempre que vou ao cemitério deposito uma flor, uma rosa ou margarida, no túmulo desse companheiro. Minha família tem um túmulo encostado ao do Castellani. Quando morrer quero ser enterrado ao lado dele, que tanto fez por nós, que morreu por nós.

Guillen, principalmente Guillen, emocionou-se ao falar. Chora. Grita que é preciso que se preste essa homenagem ao operário que morreu:

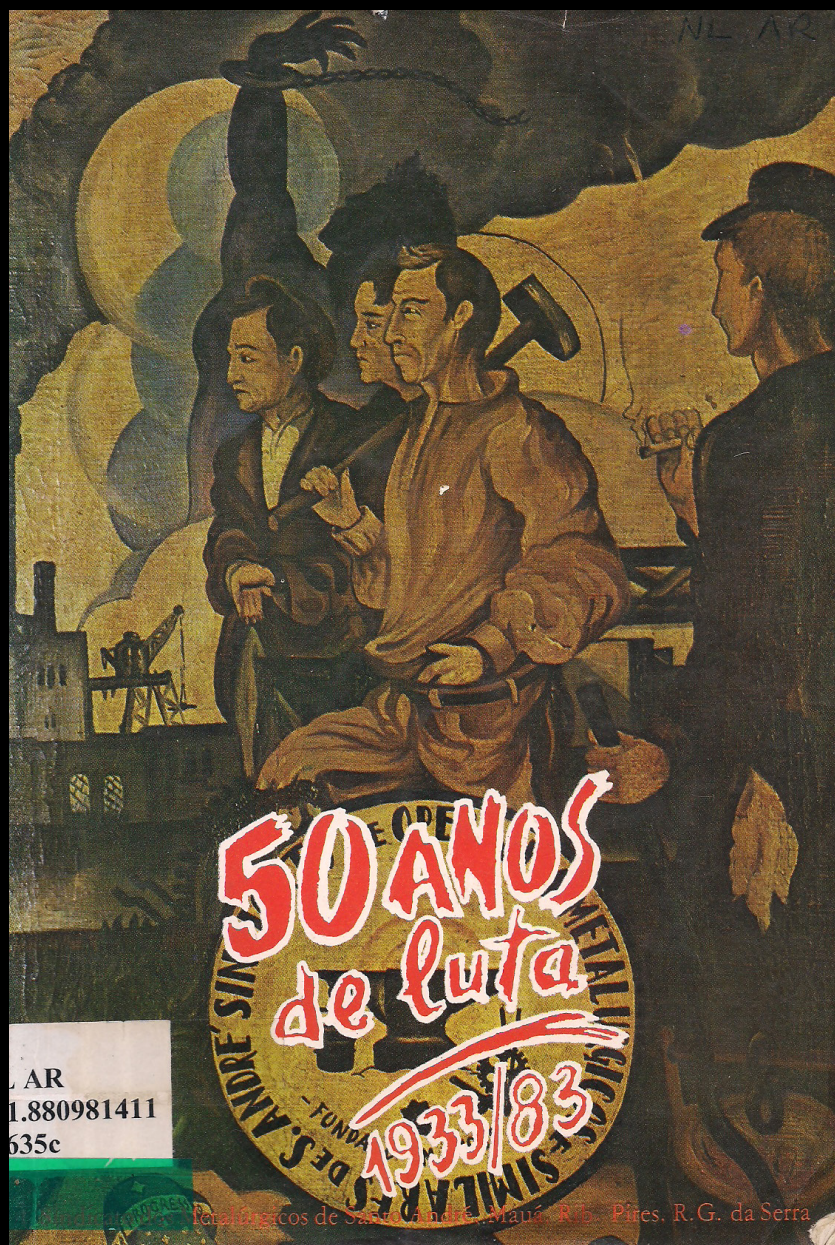
— Depois da interdição do nosso Sindi-



cato, do Sindicato dos Metalúrgicos, as homenagens foram esquecidas. E o Sindicato dos Têxteis, que deveria homenagear Castellani, nada faz. Que saudades do antigo presidente dos têxteis, ele sempre lembrava do Castellani. Fazia reuniões em sua homenagem, chegou a inaugurar um quadro na sede do Sindicato. Um quadro de Castellani. Agora nem sabemos onde está esse quadro.

Diário do Grande ABC - 02 de maio de 1982.

ANEXO 3



Livro do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, “50 anos de luta, de 1933 a 1983”.

ANEXO 4

INTRODUÇÃO:

... A passeata se desenvolvia com calma, com vivas gritados pela massa operária, que tomava conta das ruas, levando faixas e cartazes... Era aproximadamente 10 horas da manhã do dia 5 de maio de 1919 e a passeata atingia o largo, que hoje é conhecido por Quitandinha. Ali os operários pararam em frente à fábrica de móveis Streiff, levantaram seus cartazes e faixas... Nesse instante, inesperadamente, surgem vários policiais, fortemente armados, tentando dispersar a passeata.

Liderando o movimento dos tecelões, CONSTANTE CASTELLANI, moço, corajoso, improvisa um discurso, mostrando para os presentes que o movimento grevista lutava por melhores condições de trabalho. A massa ouvia entusiasmada, dando vivas ao líder operário e aos trabalhadores em greve da Fiação Ipiranguinha... A polícia inicia sua investida contra os trabalhadores, disparos de fuzis se fazem ouvir e, entre vários feridos, estava no chão CONSTANTE CASTELLANI, (Constantino CASTELANI, como era chamado).

O líder foi assassinado...

... Em outubro de 1979, metalúrgicos de vários cantos do país lutam, através da greve, por melhores condições de trabalho. Os piquetes se proliferam nas portas das fábricas, apesar da forte repressão policial.

... às 14 horas, num piquete em frente à fábrica Sylvânia, em Santo Amaro, na Zona Sul de São Paulo, o operário Santo Dias da Silva é assassinado e mais dois operários são feridos, sendo um deles, ainda assim, levado preso pela polícia. A bala que matou o metalúrgico é disparada à queima-roupa, por um policial da Rota 220. O operário após ser atingido, dá alguns passos e cai entre os companheiros de luta. No 43º Distrito Policial, a morte de Santo Dias é registrada como causada por "resistência e agressão".

"Que soem todos os alarmes, das fábricas paremos as máquinas e tomemos as ruas/ mais um operário morreu! A manhã vestiu-se de negro na terra do ditador Figueiredo/ que com a polícia na rua impõe ao povo medo./ Um prenúncio triste dizia que algo ruim aconteceria/ era grande a minha revolta até que ouvi aquela nota — olhos se encheram de lágrimas e chorei de tristeza de ver tanta covardia/ de ver tanta tirania./ De malditos generais de covardes policiais matando companheiros meus.../ Morte é morte não se apaga de nossos corações dentro da abertura propalada/ pro operário só a morte e paulada./ Que todas as máquinas parem/ que todos os braços se cruzem/ que todos se silenciem! Nossos corações clamam Justiça, Justiça, Justiça... Que tomemos as ruas e em todos os bares onde quer que seja façamos uma reflexão/ por tanta lágrima, por mais um companheiro tombado no chão" (do livro "O Sol e Eles", de Léa Aparecida de Oliveira).

Livro do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André,
"50 anos de luta, de 1933 a 1983".

ANEXO 5

pecialmente entre os marítimos.

Como já disse antes, embora houvesse várias correntes de pensamento no movimento operário, a anarquista demonstrava muito mais combatividade. Depois da greve de 1.917, dirigida pelos anarquistas, as manifestações grevistas aumentaram em número e intensidade, consubstanciando o auge do movimento anarcossindicalista, até que em 1.921 é publicada uma lei para reprimir os operários anarquistas — “Lei Infame”, como ficou conhecida. A lei previa penas aos que provocassem “danos, depredações, incêndio, homicídio, com o fim de subverter a atual organização social e a quem cometesse atos de terrorismo e sabotagem”, sendo que estes conceitos eram muito amplos. Assim, o governo poderia em decorrência de qualquer um desses fatores, ou a simples suspeita de “ordenar o fechamento, por tempo indeterminado de associações, sindicatos e sociedades civis quando incorressem em atos nocivos ao bem público”.

SURGE A UNIÃO OPERÁRIA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1.914, a classe operária começa a movimentar-se em torno de suas reivindicações referente ao trabalho de até 14 horas em média por dia, os trabalhadores reclamavam uma jornada de oito horas diárias, além de exigirem a criação de entidades de amparo médico, cirúrgico e farmacêutico. Nessa época impunha-se um verdadeiro terror contra os trabalhadores, montado pelo dispositivo patronal e pelos órgãos da polícia, que de maneira repressiva procurava a todo custo boicotar qualquer encontro entre operários. Assim sendo, impossibilitados de se reunirem legalmente, as reuniões eram feitas em casas de operários, margens das represas, disfarçadas em pescarias, nas praças de futebol.

Diante dessa necessidade de organização que se desenvolvia no meio operário, surge em meados de 1.918, a UNIÃO OPERÁRIA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, liderada pelos tecelões JOSÉ RIGHETTI, CONSTANTINO CASTELANI, ALEXANDRE, o português BENEDITO FOLGANOLHI, EMILIA ROSSINI e pelos metalúrgicos FINAMORE, FRANCISCO MORO e integrada por trabalhadores da construção civil, químicos e outros ofícios.

A UNIÃO OPERÁRIA estabeleceu um programa de ação centrado na luta pela redução da jornada de trabalho e pela paz, uma vez que na guerra que se desenvolvia na Europa os mais atingidos eram da classe operária, pois formavam o maior contingente de todas as brigadas.

No período de 1.918 a 1.919, o movimento da União foi se expandindo, e tendo a adesão de trabalhadores de várias fábricas, que em grupos desfraudavam a bandeira da União e fomentavam a necessidade de que todos se organizassem.

Em abril de 1.919 já se notava um movimento forte das massas operárias, liderada pela União, que se organizava para comemorar o Dia Internacional dos Trabalhadores, que se daria no dia primeiro de maio. Na tentativa de impedirem tal manifestação, os patrões passam a impor verdadeiras perseguições contra seus operários nas fábricas, sendo que entre as indústrias a que mais se destacava nessa luta contra a classe operária era a Fiação Ipiranguinha. Os em-

Livro do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André,
“50 anos de luta, de 1933 a 1983”.

ANEXO 6

O crime de S. Bernardo

O assassino do operário Castellano foi absolvido

Conforme noticiámos, entrou hontem em julgamento, pelo Tribunal do Jury, o réu preso José Bernardino de Araujo, soldado do 5.º batalhão, que por ocasião da gréve, em 5 de Maio, cerca de 8 horas, assassinou o operário Constante Castellano, a tiro de carabina, na rua Coronel Oliveira Lima, em São Bernardo.

O réu foi absolvido por unanimidade de votos.

Jornal O Combate (1919) noticia absolvição do policial que matou Castellani.

ANEXO 7

200

PAULO S. PINHEIRO/MICHAEL M. HALL

dada outra destinação qualquer. O fato é que não pude encontrar mais o seu rastro. [...]

O Sr. *Maurício de Lacerda* — Era caso de *habeas-corpus* para se fazer, ao menos, a apresentação do preso.

O Sr. *Nicanor Nascimento* — Devo declarar a V. Exa., Sr. Presidente, respondendo ao aparte do Sr. Deputado *Maurício de Lacerda*, que eu propus aos operários paulistas o requerimento de *habeas-corpus* de *Domingos Pereira*, mas foi-me respondido por esses operários que eles “não queriam usar de tal recurso”, visto dele já terem usado das outras vezes e a polícia paulista informar que “o homem não está preso”, que o paciente não está em custódia e o juiz declarar prejudicado o *habeas-corpus*. [...]

Trago outra violência de que se queixa o operariado paulista e que verifiquei ser exata - o assassinato indubitável do operário *Constante Castellani*. [...] Fui a *S. Bernardo*, pequena localidade servida pela *S. Paulo Railway*, a 30 ou 35 minutos de São Paulo, e lá interroguei as testemunhas e todas as interrogadas, desde a família do morto até os circunstantes, declaram que esse operário foi assassinado pela praça de polícia; que tendo avançado um grupo de operários para as proximidades de uma fábrica, cuja adesão eles desejavam, pelo que davam vivas e faziam solicitações, foram forçados a retroceder pelas ameaças da polícia.

Usaram então do estratagema de trazer um grupo de moças. Com esse grupo vinha o operário *Castellani*, de 18 anos, cuja fotografia aqui está (*mostrando*).

Há uma circunstância imperiosa para demonstrar no homicida o propósito de matar — é que, em um grupo grande de moças, tendo havido tiro, a única pessoa ferida foi o único operário que as acompanhava, o infelizmente jovem *Costante Castellani*. O soldado atirou diretamente sobre ele para o ferir e matar e não como reação geral de uma tropa que quer repelir a um grupo.

Foi um assassinato qualificado. Acresce circunstância, que eu não posso explicar, mas que pesa superiormente na responsabilidade do governo paulista. Desejo profundamente que esta circunstância fique esclarecida.

O soldado foi preso por um destacamento vizinho, que ocorreu para manter a ordem em *S. Bernardo*; mas tal situação encontrou, que, em vez de reagir contra os operários, prendeu o soldado homicida e o sargento.

Parece que houve nessa prisão do homicida a intervenção do delegado de polícia Sr. Dr. *Henrique Villaboim*; porém o fato é que, no dia seguinte, conforme notícia publicada, o Sr. *Villaboim* foi demitido: e é positivo que o sargento de polícia, que tinha comandado a morte, conforme as testemunhas, que determinara ao soldado, não só que atirasse contra aquele moço, e, ainda mais, que atirasse contra a irmã dele, quando, em sofrimento profundo pela perda de seu irmão, imprecava o homicida e o declarava um assassino, esse sargento que não

Livro “A Classe Operária no Brasil”, 1981.

DOSSIÊ CONSTANTINO CASTELLANI POR JAIRO COSTA

CASTELLANI VIVE



Idealizado por Jairo Costa, festival musical relembrou 100 anos de morte de Constantino Castellani no dia 05 de maio de 2019, com várias apresentações artísticas e grande público.

No dia 05 de maio de 2019, no calçadão da rua Coronel Oliveira Lima no centro de Santo André, mais de 10 bandas se apresentaram no festival musical Constantino Castellani. O evento marcou os exatos 100 anos de morte de Constantino, jovem assassinado enquanto liderava passeata de trabalhadores.

Organizado pela Revista Mortal e pelo Coletivo Estranhos Atradores, a atividade reuniu as bandas Alcoólicas, Krias de Kafka, Take

9001, Sentimento Carpete, Giallos, Avante, Special Cigarretes, Copo Largo, Giant Jellyfish, Giselle Maria, Cláudia Lima e Projeto Nave.

O festival foi mais uma das atividades desenvolvidas durante o ano de 2019 pela Editora Estranhos Atradores e Revista Mortal. Durante o “Ano Castellani” uma série de ações culturais foram planejadas para lembrar os 100 anos de assassinato do jovem anarquista.

Constante Castellani, chamado de Constantino pelos seus colegas, tinha 18 anos quando, com outros companheiros, fundou a Liga Operária — uma espécie de central anarcosindical que congregava várias profissões como canteiros, sapateiros, tecelãs, marceneiros, chapeleiros etc. — e rebelou-se contra a exploração dos patrões, liderando uma manifestação de trabalhadores da tecelagem Ipiranguinha, exigindo redução da jornada, melhores salários e condições de trabalho. O episódio culminou com sua morte.

O pesquisador Jairo Costa, Editor da Revista MORTAL e idealizador do projeto, conta que descobriu a história de Constantino enquanto realizava investigação sobre movimentos políticos no ABC no início do século XX.

Costa relata que na fábrica Ipiranguinha os operários, em alguns casos, eram obrigados a cumprir até 16 horas de trabalho, submetidos a constantes espancamentos e impedidos até de utilizar os banheiros da fábrica. Outra situação clássica de exploração era a das famosas dívidas contraídas nos armazéns e quitandas da fábrica. Os trabalhadores consumiam nestes estabelecimentos, suas dívidas ficavam enormes e o patrão transformava aquilo numa forma de segurar, sequestrar, escravizar o operário, exigindo que trabalhasse mais e não permitindo desligamento da fábrica até que a dívida estratosférica fosse quitada.

Contra todas essas injustiças, Constantino Castellani e seus companheiros da Liga Operária organizaram ato para o dia 5 de maio de 1919, que começou às 5 da manhã, e aglutinou mais de 500 operários entre mulheres, crianças e idosos, saindo em passeata pelas ruas de Santo André até chegar ao centro da cidade, na rua Oliveira Lima. Lá, em frente à fábrica de cadeiras Streiff, enquanto Castellani discursava pedindo a adesão de mais trabalhadores à



Banda Sentimento Carpete foi uma das atrações do Festival Constantino Castellani. Nas fotos abaixo, fixação de placa clandestina (sem autorização da Prefeitura de Santo André) em homenagem ao operário. A Placa não durou um mês no local, foi vandalizada e retirada provavelmente por fiscais da PMSA.



DOSSIÊ CONSTANTINO CASTELLANI POR JAIR COSTA



manifestação, um tiro de fuzil disparado por membro da força pública cruzou a multidão, atingindo em cheio o coração do anarquista, que morreu instantaneamente.

A morte de Constantino Castellani causou comoção geral e a região viveu três dias de caos. Os operários tiraram o corpo de Constante das mãos da polícia e o levaram para o barracão da Liga Operária, atraindo milhares de pessoas para seu velório e sepultamento, sendo o maior séquito daquela época. O delegado Henrique Villaboim, que mandou prender o atirador logo após o incidente, foi misteriosamente demitido do cargo. O prefeito da cidade na época, Sr. Saladino Cardoso Franco, desapareceu dos eventos públicos com medo da população. Após o enterro do anarquista, dezenas de

prisões foram realizadas por todo o ABC, o barracão da Liga foi novamente destruído e aquela organização foi proibida de atuar por cerca de dez anos.

Legítima defesa: o julgamento do soldado José Bernardino de Araújo, assassino de Constantino, ocorreu tempos depois e o militar acabou sendo absolvido por unanimidade. Em sua defesa surgiu uma versão dos fatos sucedidos na passeata do dia 5 de maio de 1919 em que Castellani é acusado de supostamente arremessar um tijolo contra a força pública, motivando assim a reação (desproporcional) de Araújo. No entanto, o tesoureiro da Liga Operária, Natalino Vertematti, que estava ao lado de Castellani na hora do tiro, negou qualquer ação agressiva do líder da Liga contra a força pública.

A maioria dos “cabeças” da organização anarquista foi presa e torturada após o assassinato de Constantino. Muitos operários estrangeiros que militavam na organização sindical e trabalhavam na tecelagem Ypiranguinha foram presos e mandados para a Ilha das Cobras e Ilha Grande; outros com menos sorte, como foi o caso de Alexandre Português, foram deportados, banidos do país por sua ideologia.

Passados 100 anos desses fatos, Costa diz que a história de Constantino merece ser apresentada para as novas gerações principalmente agora que o país precarizou de forma completa as leis trabalhistas, a organização sindical está mais uma vez ameaçada e a aurora autoritária renasce no país.

O editor da Revista MORTAL afirma que Castellani ressurgiu um século depois como novo ícone de luta:

“Constantino Castellani volta para inspirar uma nova geração de inconformados com o sistema! Ele foi um verdadeiro protopunk lutando contra os coronéis e o capital”.

Para marcar o centenário de morte do primeiro rebelde do ABC, uma série de ações foram planejadas, com destaque para o lançamento do livro sobre a história de Castellani e do Anarquismo na região.

Dentre as ações do Ano Castellani estão a produção de cartazes e camisetas com arte de Flávio Grão, uma História em Quadrinhos, fixação de placa-homenagem alusiva ao centenário de morte de Constantino, produção de um vídeo ficcional e um documentário, lutar na Câmara Municipal de Santo André para que o local onde Castellani foi assassinado (largo Quitandinha) passe a se chamar Largo Constantino Castellani”.



Grande público compareceu ao Festival Constantino Castellani. Na foto, banda Giant Jellyfish se apresentando já no começo da noite. Na página anterior, banda Lata do Lixo da História

DOSSIÊ CONSTANTINO CASTELLANI POR JAIRO COSTA



CONSTANTINO CASTELLANI

02 06 1901 | 05 05 1919

*Jairo Costa é Jornalista, escritor, historiador e mitologista. Autor dos livros "Paranapiacaba Lendas e Mitos", "Amazônia Fantástica", "Der Golem", "Fog", "Poemas para ler nas #Ocupa" etc. Editor das revistas "Sem Futuro", "Revista MORTAL" e "Paranapiacaba e serra do mar". Membro fundador do SOS Paranapiacaba e idealizador do Ano Castellani.